



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

LILIANE TAVARES DA SILVA

**IDENTIDADE E LITERATURA: ASPECTOS DA
IDENTIDADE NEGRA EM BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA**

GUARABIRA - PB

2014

LILIANE TAVARES DA SILVA

**IDENTIDADE E LITERATURA: ASPECTOS DA
IDENTIDADE NEGRA EM BRUNA E A GALINHA
D'ANGOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Luciano B. Justino

Guarabira - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S182I Silva, Liliane Tavares da
Identidade e literatura [manuscrito] : aspectos da
identidade negra em Bruna e a galinha D'Angola / Liliane
Tavares da Silva. - 2014.
42 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Luciano B. Justino, Departamento de
Letras".

1. Identidade. 2. Autoestima. 3. Negritude. Literatura. I.

Título.

21. ed. CDD 370.9

LILIANE TAVARES DA SILVA

**IDENTIDADE E LITERATURA: ASPECTOS DA
IDENTIDADE NEGRA EM BRUNA E A GALINHA
D'ANGOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/10/2014

lcm

Prof. Dr. Luciano B. Justino

Doutor em Letras e Linguística pela UFPB

as e Linguística

Belarmino Mariano Neto

Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Doutor em Sociologia pela UFPB.

José Otávio da Silva

Prof. Mr. José Otávio da Silva

Mestre em Educação pela UFPB

À minha família pelo apoio e incentivo, DEDICO.

Ao professor Dr. Luciano B Justino pela orientação e sugestão.

Aos professores, Dr. Belarmino Mariano Neto e Ms. José Otávio da Silva, pelas sugestões.

À minha mãe Fátima, a meu pai Edmilson, a minhas irmãs Lívia e Lidiane, ao meu esposo Orlando e a minha filha Lílya, pela compreensão por minha ausência e apoio.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo desse curso por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre o papel da autoestima e da identidade negra das crianças afrodescendentes. Abordou-se o conceito de autoestima e agressividade, destacando os fatores que se desencadeiam nas crianças negras. Discute-se ainda os aspectos da construção da identidade em algumas obras da literatura infanto-juvenil traçando um panorama sobre a representação dos personagens negros em obras a partir dos anos 80. Busca-se ainda fazer uma análise de como é construída a identidade da criança negra e da cultura afro em **Bruna e a galinha d'Angola**, de Gercilga de Almeida. Para essa análise, toma-se como referência a própria narrativa e os estudos principalmente de Oliveira, Hall, Castells, Brander.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Autoestima. Negritude. Literatura.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the role of self-esteem and identity of black African descent children. Addressed the concept of self-esteem and aggression, highlighting the factors that trigger in black children. Discusses further aspects of identity construction in some works of children's literature outlining an overview of the representation of black characters in works from the 80s Search is still doing an analysis of how identity is constructed child black and african culture Bruna and moorhen Angola, the Gercilga de Almeida. For this analysis, taking as reference the narrative itself and studies mainly Oliveira, Hall, Castells, Brander.

KEYWORDS: Identity. Self-esteem. Negritude. literature

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	8
2. AUTOESTIMA E AGRESSIVIDADE DA CRIANÇA NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR-----	11
3. IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: COMO SE CONSTRÓI?-----	19
3.1. Identidade cultural, de resistência e negritude-----	24
3.2. Panorama da imagem da criança negra na literatura infanto-juvenil--	29
4. A IDENTIDADE CULTURAL EM BRUNA E A GALINHA D`ANGOLA-----	33
4.1. Aspectos gerais de Bruna e a galinha d'Angola-----	33
4.2. Aspectos da identidade em Bruna e a galinha d'Angola-----	34
5. CONCLUSÃO-----	39
6. REFERÊNCIAS-----	41

1. INTRODUÇÃO

A autoestima é um fator muito importante para o desenvolvimento social, psicológico, escolar e da identidade da criança. A baixa autoestima é um problema que a escola tenta superar, principalmente entre alunos negros. Resgatar a autoestima e a identidade das crianças negras é um desafio que deve estar em primeiro plano para inclui-las na escola de forma igualitária, respeitando suas diferenças e tornando-as componentes importante tanto dentro quanto fora da escola.

Como professora, é comum deparar-me com alunos que apresentavam ou apresentam uma autoestima muito baixa, desvalorizam a sua cor “negra”, criticam sua cultura; às vezes se isolam, se sentem inferior e incapazes. Crianças negras que riem de outras com o mesmo pertencimento étnico/racial e traços físicos. Além disso, falta na escola, material teórico para trabalhar a identidade negra. Reconheci assim, a necessidade de saber mais sobre o universo da criança, seu comportamento diante de determinadas situações ocorridas na sala de aula e o porquê delas reagirem a algumas situações com agressividade e não aceitarem sua identidade negra.

Segundo Branden (1995), a autoestima é uma necessidade do ser humano que possibilita um desenvolvimento de vida normal e saudável. Quando alta, a autoestima funciona como se fosse o sistema imunológico da pessoa e, quando baixa, o indivíduo fica frágil, debilitado, preferindo evitar a dor a vivenciar os prazeres que a vida oferece.

Na escola, a literatura poderia contribuir para elevar a autoestima da criança negra. Mas, infelizmente o texto literário, entre ele, o infante-juvenil,

sempre representou a cultura e a sociedade dominante, branca, de padrões eurocêntricos, excluindo, desvalorizando e estigmatizando a cultura, o povo e a identidade negra.

Ainda é difícil encontrar obras com protagonistas negros. E quando o fazem, geralmente é de forma estereotipada e caricaturada, contribuindo para a manutenção do racismo.

Mas, a literatura começa a resistir e surgem, lentamente, obras que, partindo dos ideais da “Negritude”, passam a apresentar personagens negros com características reais, sem caricaturas; retratar a cultura a identidade africana, com suas lendas e tradições; e buscam valorizar o negro como ser importante na construção da identidade brasileira, como o livro *Bruna e a galinha d’Angola* de Gercilga de Almeida, nosso objeto de estudo.

Esse estudo parte da análise de obras teóricas sobre literatura, negritude, identidade, autoestima e da análise do texto *Bruna e a galinha d’Angola*, tomando como referências os estudos desenvolvidos por Hall (2006), Castells (2008), Branden (1995), Fernandez (1993), Oliveira (2003), Silva (2011), entre outros.

O segundo capítulo apresenta uma visão panorâmica da autoestima e agressividade da criança e jovem negro e sua relação com a escola, sua influência na aprendizagem e construção da imagem da criança, além disso, analisa os fatores que interferem na autoestima da criança negra.

O terceiro capítulo aborda a temática da identidade, como um processo que está sempre mudando e em construção. Vê-se que a identidade não é algo inato ao ser humano, e vai se construindo a partir das relações exteriores do indivíduo com o outro e com o meio no qual está inserido. Neste capítulo,

ainda a relação entre identidade de resistência, identidade cultural e a Negritude. E traça-se um breve panorama sobre a imagem do negro na literatura infanto-juvenil.

No quarto capítulo, procura-se analisar os aspectos da construção da identidade negra e cultural presentes na literatura **Bruna e a galinha d'Angola** de Gercilga de Almeida.

2. Autoestima e agressividade da criança negra no contexto escolar

Desde que os africanos foram trazidos para o Brasil, escravizados e submetidos às situações precárias e desumanas no período colonial, muitos preconceitos e estereótipos foram criados e disseminados sobre sua imagem. Preconceitos que tornaram e ainda tornam a imagem do negro negativa e inferiorizada em relação a do branco.

Sabe-se que os negros eram tratados como “coisas”, “objetos” e “animais”. Não tinham direito a nada. Não podiam realizar suas festas; praticar suas danças; sua religião. Foram segregados, aculturados e obrigados a trabalhar sol a sol para aumentar a economia dos fazendeiros. Eram espancados, maltratados, torturados e até assassinados caso resistissem ao trabalho forçado ou tentassem fugir.

A partir dessas e outras situações, começou a surgir o racismo contra os negros. “Desde o século XV, milhões de páginas em tratados, ensaios, monografias, teses, etc., foram escritas para sustentar o insustentável: o racismo como uma prática necessária e justificável.” (SANT’ANA, 2001, p.34).

Tanto as teorias científicas quanto a sociedade dominante, a elite, disseminaram preconceitos, racismo e estereótipos sobre os negros como sendo brutos, selvagens, animais, ladrões, fracos, imorais, sem inteligência, preguiçosos; povo sem história, sem cultura e sem religião. Essas expressões fazem parte do imaginário popular, ainda presentes na sociedade brasileira, que tende a excluir, marginalizar a população negra e a camuflar o racismo.

O branco, ao contrário, sempre foi visto como superior, um modelo de dignidade e humanidade. Tendem-se a supervalorizar os brancos e inferiorizar os negros. Essa valorização do branco deu-se também através de falsas teorias científicas, que tentaram explicar a supremacia do branco. Ao mesmo tempo em que enaltece o branco, tais teorias apresentam “o negro como sinônimo da humanidade inferior” (MUNANGA, 1984) e incapaz de “criar uma civilização independente” (GOBINEAU apud MUNANGA, 1984). Os negros ainda, só seriam capazes de se destacarem na arte, por exemplo, a partir do relacionamento com o branco, pois sozinhos não teriam capacidades para tal feito.

A imagem do negro é geralmente associada quando em destaque, ao futebol, samba, cantor de rap ou funk, atletismo e à sensualidade. Ou ainda à criminalidade e vagabundagem.

O essencial da imagem do negro herdado da ciência ocidental, isto é, a sexualidade, a musicalidade da voz (única inteligência que tem no sangue), a dança e o ritmo, a resistência nas competições esportivas, o samba, o futebol etc. tudo isso, junto à criminalidade (a famosa imagem do assaltante e do trombadinha), são hoje coisas difíceis a serem tiradas da mente de muitas pessoas, mesmo daquelas teoricamente bem intencionadas. De outro modo, quando se evoca a imagem do negro, esses atributos mistificados e mumificados estão sempre presentes na mente de muita gente, e subentendem a incapacidade intelectual. (MUNANGA, 1984, p. 44)

A imagem depreciativa, estereotipada e negativa do negro é ainda transmitida pela escola, seja através do discurso verbal e não verbal dos livros didáticos, literários e dos professores, seja também “por meio das estruturas e dos currículos escolares, das políticas educacionais, da formação dos professores, da interação entre professores, alunos e comunidade.” (ROSSATO & GESSER, 2001, p. 12).

Assim que a criança negra entra para a escola, ela passa a ter contato com um universo cheio de preconceitos e discriminação, e se ver obrigada a negar sua cultura, sua identidade, seus referenciais para tentar ser uma “criança ideal”.

Desde os primeiros anos de vida todas as crianças aprendem a “valorizar a cor clara e os demais traços ‘caucasóides’ e a menosprezar a cor escura e os demais traços ‘negróides”’. (NOGUEIRA apud FAZZI, 2006, p. 104).

As crianças aprendem que a cultura e a beleza europeia é o modelo a ser seguido, ao mesmo tempo, aprendem a desvalorizar e rejeitar a cultura afrodescendente e africana.

Através de vários mecanismos sociais vivenciados no processo de socialização, inicialmente, no interior da família, no espaço da rua e nas organizações religiosas e, posteriormente, nas creches e nas escolas, a criança aprende que “ser preto é uma desvantagem” por estar numa posição inferior. (FAZZI, 2006, p. 85)

A escola reproduz o modelo de beleza europeia e dissemina estereótipos e ideologias que prejudicam a aceitação de igualdade e a relação entre as pessoas, principalmente as crianças. “Muitos aspectos do cotidiano escolar contribuem para que as crianças e adolescentes apreendam e cristalizam ideias racistas e práticas discriminatórias.” (CAVALLEIRO, 2001, p. 152)

Os livros didáticos constituem um dos maiores reprodutores da discriminação racial e do racismo, uma vez que pouco se fala sobre a história do povo negro e supervalorizam a dos brancos. Esses recursos por serem um instrumento de suposta verdade, acabam refletindo negativamente na imagem e na autoestima da criança negra.

Os livros didáticos e literários tendem a apresentar o negro de forma caricaturada, desfigurada e exercendo papéis sociais subalternos. Pouco ou nada falam sobre a história, geografia e cultura da África. Omitem a história de lutas e resistências dos africanos e seus descendentes como seres ativos na construção da história, cultura e identidade brasileira.

O livro didático, ao silenciar sobre a presença do negro como um ser ativo e importante na formação da sociedade brasileira, por exemplo, ou destacá-lo de forma folclórica e exótica, contribui para consolidar a exclusão social desse povo. Isso acaba acontecendo porque simplesmente a criança negra não se vê representada e inserida no contexto sociocultural do qual faz parte. Ao mostrar situações vivenciadas apenas por crianças brancas, a maioria, pertencentes à classe média, e retratar apenas o cotidiano e a história dos brancos, a escola brasileira mostra-se feita apenas por e para os brancos. Impedindo a participação e inclusão total das crianças e jovens negros no contexto social como um todo.

O aluno negro que sempre se vê desvalorizada e discriminada pela escola, professores e colegas; que não encontra referenciais positivos sobre sua imagem, seu povo, sua cultura, sua religião, tende a se sentir rejeitada, isolada e triste, ou seja, a ausência de valorização e referenciais positivos sobre o negro, principalmente nos livros didáticos e na Literatura, compromete a autoestima dela. Essa criança, tende a apresentar uma autoestima baixa e não se aceitar como realmente é e ainda, a não aceitar seus semelhantes. A criança de autoestima baixa, procura se assemelhar em todos os aspectos com a criança branca, uma vez que lhe é ensinado e mostrado que tudo o que é belo e verdadeiro é branco e, que tudo o que é preto/negro, é feio, ruim,

inferior. “A paz, o belo, o bom, o justo e o verdadeiro, são brancos. A violência, a feiura, a injustiça, as contendas são negras.” (GOMES, 2001, p. 93). Assim, a criança não branca passa a negar-se a si mesma e a sua própria cultura, etnia e identidade.

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e baixa autoestima, que dificultam a organização do grupo estigmatizado. (SILVA, 2001, p. 17)

Além dos materiais pedagógicos e da literatura, o professor é outro fator importante para a construção da autoestima da criança negra. Muitas vezes o docente reproduz o discurso do dominante e exclui as crianças negras da convivência harmônica escolar. A forma como ele trata as crianças não brancas influencia na autoestima delas, uma vez que é visto como um modelo de referência e de identificação para o aluno.

Se a criança negra recebe diariamente elogios sobre o seu cabelo, sua cor, sua família e sua cultura, sua autoestima será alta. Mas, se ela só receber estímulos negativos e depreciativos sobre o seu pertencimento étnico/cultural e sua aparência física, sua autoestima diminuirá e ela poderá se isolar e não querer se aceitar como negra; poderá se rebelar e ficar agressiva com todos.

Falas negativas e preconceituosas a respeito da cultura, da família e do grupo racial negro podem comprometer o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes negros, contribuindo com um terreno fértil para a instalação de um sentimento de inferioridade e fragilização da autoestima. Comentários depreciativos, por vezes irônicos, são altamente prejudiciais. (CAVALLEIRO, 2001, p. 152-153)

O tratamento muitas vezes diferenciado que o professor dá as crianças brancas e negras, contribui para reforçar os estereótipos, preconceitos e

racismo, encontrados nos livros didáticos e na Literatura e cria sentimentos de superioridade e inferioridade entre as crianças. Reforça a supremacia dos brancos e a subalternidade dos afrodescendentes.

Segundo Romão, (2001, p.175), “as crianças negras na fase pré-escolar são discriminadas e negligenciadas quanto aos estímulos que poderiam receber a partir das relações afetivas dos educadores”. Cotidianamente, a criança negra recebe críticas sobre o seu pertencimento étnico/racial. É rejeitada, isolada, vítima de piadas, adjetivações depreciativas e violência.

Cavalleiro, 2001, chama a atenção para a forma como alguns educadores se referem à cor da pele ou as características raciais dos alunos negros: “a moreninha”, “aquela de cor”, “filhotes de São Benedito”, “cão em forma de gente”, “carvãozinho”, “macaca preta”. Segundo ela, esse tratamento irônico realizado no ambiente escolar, na presença das crianças, pode ser absorvido por elas e “entendido como um comportamento que pode ser reproduzido”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 146). Uma vez cristalizada essa ideologia negativa e oprimente, pode ser assumida também pela própria criança estigmatizada e discriminada.

Precisamos entender que a criança negra não é “moreninha”, “marronzinha”, nem “pretinha”. Quando a criança reclama que não quer ser negra, ela está nos dizendo que não quer o tratamento costumeiramente dado às pessoas pertencentes a este grupo racial. O que ela não quer é ser ironizada, receber apelidos, ser excluída das brincadeiras... (CAVALLEIRO, 2001, p. 156)

A exclusão, a falta de afetividade, de atenção e incentivos, o silêncio deste diante de atitudes discriminatórias sofridas pela criança não branca, os apelidos e expressões pejorativas e depreciativas, a aculturação, segregação

e o etnocentrismo, comprometem a autoestima dos afrodescendentes levando-os a expressar comportamentos agressivos entendidos muitas vezes como “rebeldia” e “indisciplina”.

Quando a criança é esbranquiçada pela escola, seu corpo torna-se um corpo dissidente de sua negritude. E, quando resiste, seu corpo expressa uma relação contra a opressão à sua liberdade de ser; não podendo ser negro, se rebela e explode. Muitas vezes, por não saber ou poder expressar verbalmente a opressão por que passa – o que é comum entre as crianças – manifesta suas revoltas e seus desgostos por meio de atitudes agressivas contra si e os outros. Na grande maioria das vezes é analisado e avaliado o comportamento de resposta às violências por que passa e não a causa destes comportamentos; assim sendo, a escola e sua prática pedagógica não são questionadas, mas sim os comportamentos dos/as alunos/as. (ROMÃO, 2001, p. 167-168).

O professor deve estar atento e ser bem preparado para lidar com essas situações e com a diversidade étnico/racial e cultural presentes na escola e entender que essa diversidade constitui o povo brasileiro; forma o Brasil. Respeitar e valorizar a diversidade cultural dos alunos é uma das atitudes, primeira, que o professor deve tomar na sala, a fim de promover a “igualdade” e o respeito entre os alunos.

Elevar a autoestima da criança negra é fundamental. Para isso, além do respeito e valorização dos afrodescendentes, o educador deve: “compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas”. (ROMÃO, 2001, p. 162); conhecer a história dos africanos e afro-brasileiros; estimular o desenvolvimento emocional, cognitiva, físico e cultural da criança; romper os preconceitos e desconstruir os estereótipos na sala de aula; tratar a todos da mesma maneira, sem menosprezar os negros e valorizar os brancos; “incentivar a criança a apreciar sua imagem, reforçar a beleza da sua cor, de seu cabelo, a sua inteligência, as habilidades, aptidões, isto é, as

coisas que sabe fazer bem e gosta”... (Grupo AMMA apud ROMÃO, 2001, p. 165); trabalhar os conteúdos sobre os afrodescendentes no dia a dia e não apenas nas datas comemorativas; desenvolver estratégias que promovam a construção de autoconceito positivo e autoestima elevada; incentivar as crianças a “construir projetos de vida”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 149).

Essas atitudes e mais outras, ajudarão as crianças negras a se aceitarem como realmente são, a se sentirem humanas e a terem uma boa autoestima. Ajudarão também as crianças brancas a reconhecer a negra como pessoa, valorizá-la e respeitá-la.

É bom ressaltar que essas são apenas algumas sugestões e que a baixa autoestima que a criança negra apresenta é construída histórica e culturalmente pela sociedade na qual ela faz parte, e não é um componente inato da sua personalidade, portanto, cabe ao professor pesquisar e estudar sobre a melhor estratégia que deve ser aplicada na sua turma para a promoção do respeito, autoestima e da igualdade social.

3. Identidade da criança negra: Como se constrói?

A identidade é construída a partir da relação do indivíduo com o meio social em que ele está inserido. Envolve um longo período histórico-sociocultural e está ligado às relações de poder, cujo tempo e o espaço são elementos fundamentais na formação da identidade.

Segundo Hall, 2006,

A identidade é [...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formado”. (HALL, 2006, p. 38)

De acordo com Hall, a identidade é um processo sempre em construção; sempre em desenvolvimento; é algo inacabado. A criança não nasce já com uma identidade formada, fixa, e/ou definida. Ela vai construindo sua identidade a partir da relação e convivência com os outros e pelas formas como eles a veem.

A identidade é relacional e depende do “exterior” para existir, ou seja, depende de outra identidade, do que os outros pensam, do discurso do outro, do que ela não é, do que é diferente, pois a identidade é também marcada pela diferença. (WOODWARD, 2000, p. 9)

A identidade vai sendo construída a partir de um “não-eu”, de uma diferença e marcada também por meio dos símbolos que um determinado grupo utiliza. Esses símbolos podem ser mitos, objetos, histórias, roupas, comidas e até o discurso ou a própria linguagem. Segundo Woodward, 2000, (p.10), “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Esses elementos constituem os “significantes” importantes da diferença e da identidade.

A forma como uma pessoa se veste, fala, o que come, onde e como vive, faz a diferença no que concerne à construção da identidade, pois “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (WOODWARD, 2000, p. 10).

A identidade é construída conjuntamente, isto é, um ajudando a construir a do outro, como se fosse uma via de mão dupla em um complexo viário chamado processo social humano. E o

nosso encontro com o outro – encontro este, produto dessa percepção – se dá pela linguagem, pela mediação, ... é nos encontros com os outros sociais que nos situamos, dadas às interações que geramos, seja como indivíduos singulares ou plurais.

A construção da identidade, então, vai se dando à medida que interagimos com (e modificamos) o nosso contexto e, por assim fazê-lo, nos modificamos também revelando nossos vários matizes identitários. Dizendo de outro jeito, nossa identidade é uma construção social e histórica que vai sendo erguida com mediação da nossa linguagem. (MIRANDA, 2006, p. 18)

Na construção da identidade, a diferença é a principal responsável nesse processo de desenvolvimento pessoal. Em outras palavras, o diferente é que faz a diferença. A diferença em conjunto com a identificação, representação, o signo e o simbólico irão determinar sobre o que cada pessoa é ou será; vai construir a identidade de alguém, que pode ser positiva ou negativa, e sempre vinculada às condições sociais, materiais e de poder.

Segundo Silva, (2000), a identidade e a diferença são criações sociais e culturais fabricadas por nós e não pelo mundo natural ou transcendental e estão ligadas às relações de poder. Para ele, a afirmação da identidade e a enunciação da diferença expressam o desejo dos diferentes grupos sociais marginalizados de garantir ascensão social.

Essas relações geram um sistema de distribuição de classes, grupos sociais, atribuindo valores a uns e outros não. Estabelecem divisão e hierarquia entre os diferentes grupos, incluindo, normalizando e anormalizando, privilegiando uns ou menosprezando outros, demarcando fronteiras, classificando os “bons e os maus”, os “puros e impuros”, “desenvolvidos e primitivos”, “racionais e irracionais”.

Esse sistema de classificação é nitidamente observável nas relações entre brancos e negros. Na sociedade brasileira, o “ser negro” está ligado ao

“lugar de inferior, de menos inteligente, de menos capaz, de violento, de tribal”. (SANTOS, 2001, p. 99)

Ainda na sociedade brasileira, sempre prevaleceu a supremacia dos brancos, tornando o “ser branco” como uma identidade “normal” ou padrão, e não a considera como sendo uma identidade étnica ou racial. Simultaneamente, a identidade negra sempre foi marcada pela indiferença, sem valor, sem prestígios e privilégios. O “ser negro” é considerado como algo anormal. Estabelecendo-se assim, uma hierarquização entre esses grupos étnico-raciais.

No imaginário brasileiro, a identidade de origem africana, é intuitivamente ligada às ideias de escravidão; trabalho braçal; inferioridade intelectual; atraso tecnológico; falta de desenvolvimento cultural, moral, ético e estético e, até mesmo, à ausência de desenvolvimento linguístico, já que as línguas africanas são tidas como “dialetos”. (NASCIMENTO, 2001, p. 119).

A construção da identidade étnica ou racial dos negros foi marcada cultural, histórica, política e socialmente pela exclusão, discriminação, estereotípiã, preconceito e racismo, contribuindo para a construção de uma identidade negra, vista pelos dominantes como insignificante, exótica, folclórica, diferente.

Os efeitos da prática racista são tão perversos que, muitas vezes, o próprio negro é levado a desejar, a invejar, a introjetar e projetar uma identificação com o padrão hegemônico branco, negando a história do seu grupo étnico-racial e dos seus antepassados. (GOMES, 2001, p. 93).

A criança e o jovem negros ao ver seu grupo sendo desvalorizado, excluído da sociedade, da política, do meio artístico e da escola; ao não encontrar referenciais positivos sobre sua imagem; ao ver em livros didáticos e literários apenas a supremacia e valorização dos brancos, procuram a

superação tentando se assemelhar o máximo possível com o branco, sendo capaz de negar a sua própria identidade.

A escola nesse sentido tem muita influência na construção da identidade e da auto aceitação tanto da criança quanto do jovem negro, desenvolvendo sua capacidade de pensar, questionar, refletir e ter consciência de sua identidade e sobre a qual grupo pertence. A instituição escolar é um espaço responsável pelo processo de socialização do aluno negro com outros diferentes grupos étnicos e culturais, a qual vai favorecer a construção da identidade desses seres. Porém, a segregação, a exclusão, a discriminação, os estereótipos, preconceitos e caricaturas presentes nos diversos discursos escolares pode fazer com que os alunos negros, se sintam rejeitados, inferiorizados, comprometendo sua autoestima e a construção de sua identidade de forma positiva.

Segundo Woodward, (2000), “o sentimento de identidade de uma criança surge da internalização das visões exteriores que ela tem de si própria”. Quando essa visão exterior é respaldada de forma positiva, privilegiada, aceita por “todos” como sendo a melhor, a perfeita, a normal e pura, a criança ou o jovem passa a se ver também dessa maneira e pode adquirir um sentimento de supremacia em relação aos outros, é o que acontece, por exemplo, com a imagem etnocêntrica da criança branca. Mas quando essa visão acontece de forma negativa, estereotipada, caricaturada e animalizada, como no caso do negro, ele tende também em ver o branco como superior e adquire um sentimento de inferioridade e rejeição sobre sua própria imagem e identidade, desejando até, querer ser igual ao branco.

A criança negra pode internalizar o discurso do opressor de forma sólida, passando então, a se reconhecer dentro dele como “feia”, “preta”, “fedorenta”, “cabelo duro, de bucha, de fuá”, “macaca preta”, “carvão”, “burra”, “boneca de pixe”, “nega do sabão marrom”, iniciando um processo de desvalorização pessoal, que interfere na sua identidade e autoestima. “Uma pessoa ignorada, maltratada e “descuidada” pode perder o referencial de si mesma, reconhecendo seu fracasso”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 155).

O preconceito e a imagem estereotipada induzem alguns negros a acreditar que sua condição de inferioridade é decorrente de suas características físicas e pessoais, e não dos fatores externos. Eles assumem a discriminação exercida pela classe dominante. Então, surge a idealização do mundo branco como algo valioso a conquistar e paralelamente a desvalorização do mundo negro.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças... A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ele nem se quer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade... A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado objeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. (SILVA, 2011, p. 68).

A identidade individual e coletiva dos afrodescendentes fica alienada, ocasionando um distanciamento por parte dos mesmos, das matrizes culturais africanas e em alguns momentos chega a desvalorizar seus atributos negros, podendo até mesmo não questionar sobre estereótipos e situações preconceituosas e discriminatórias sofridas, por medo de não serem aceitos socialmente, preferindo então, permanecer submissos, passivos e calados.

3.1. Identidade cultural, de resistência e Negritude

A globalização, segundo Hall, (2006), está fazendo com que as velhas identidades, que por muito tempo mantinham a sociedade estável, declinem, descentalizem, com isso, está surgindo novas identidades e fracionando o indivíduo moderno. A identidade cultural, neste sentido, também está sofrendo mudanças, nos “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. (HALL, 2006, p. 8).

Uma das principais fontes de identidade cultural são as culturas nacionais onde nascemos. Para Hall, (2006), quando um indivíduo se define, por exemplo, como brasileiro, constitui uma metáfora, pois a identidade nacional não está presente nos genes, elas não são inatas no indivíduo, como se pensa fazer parte da natureza humana.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englisness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. (HALL, 2006, p. 48-49).

Sendo a “nação” algo que produz sentidos, a representação da identidade brasileira foi marcada pela diferenciação, ou seja, distinguindo as principais culturas que contribuíram para a formação da identidade nacional. Estabeleceu-se uma supremacia da cultura europeia (branca) e ao mesmo tempo uma inferioridade da cultura africana e indígena.

Como as identidades nacionais estão sendo “deslocadas pelos processos de globalização” e como não existe identidade nacional pura, um país constituído apenas de uma cultura, a identidade brasileira, hoje, constitui uma identidade híbrida, como disse Hall, 2006, (p. 62), “as identidades são todas, híbridos culturais”. E isso influencia nas ações e na concepção que os brasileiros tem de si mesmos.

As identidades estão estritamente ligadas com as práticas sociais específicas da convivência com os outros indivíduos e são essas práticas no seio cultural que moldam e formam as pessoas. E levam a todos, dependendo da situação social, a desenvolver atitudes, muitas vezes vistas pelo “outro” como sendo agressivas, ou desenvolver identidades de resistência.

As identidades são afirmadas, em muitos casos, como uma forma de resistência social diante do poder da cultura hegemônica do etnocentrismo ocidental globalizado, herdeiro do colonialismo. (MC LAREN, 1997).

No mundo globalizado, signos e símbolos efêmeros – porém poderosos – movimentam-se nos fluxos globais, que caracterizam a sociedade em rede da era da informática. A busca de valores e referenciais de subsídios é a tônica da construção de identidade de resistência ou de projeto. Os movimentos sociais incubem-se dessa busca, articulando críticas à cultura hegemônica do poder e contrapondo aos seus signos e símbolos outros próprios, muitas vezes enraizados em matrizes, tradições e processo de imposição da hegemonia colonial ocidental. (CASTELLS, 1999 apud NASCIMENTO, 2001, p. 115 – 116).

Essa identidade de resistência, no Brasil, teve respaldo das entidades dos movimentos negros, que inconformados com a situação do negro, lutaram e lutam até hoje para defender sua cultura e resgatar sua identidade cultural e racial, seja de forma individual ou coletiva.

Segundo Castells, (1999), a identidade de resistência leva à formação de comunidades e é provável que na sociedade humana, esse seja o tipo mais importante de construção de identidades, pois,

dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência. Por exemplo, o nacionalismo fundado na etnia, conforme sugere Scheff, geralmente “surge, por um lado, a partir de um sentimento contrário à exclusão injusta, de natureza política, econômica ou social”. (CASTELLS, 1999, p. 25).

O processo de identificação racial, assim como tantos outros, é constituído na relação da alteridade – nós e os outros – e em determinado contexto histórico, político, social e cultural. Então, ao mesmo tempo que os negros procuram buscar a sua identidade, eles não podem deixar de enfatizar sua diferença em relação à sociedade.

Através da literatura, iniciou-se um processo de busca e valorização dos ideais negros, da sua identidade e de resistência política ao rebaixamento social do qual a população afrodescendente é vítima.

A literatura é um campo significativo, influente e propício para a propagação dessa identidade de resistência, já que:

Colocando a questão das identidades no interior da linguagem, isto é, como ato de criação linguística, a literatura, como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentido, torna-se um locus propício para a enunciação ou para o apagamento das identidades. (EVARISTO apud OLIVEIRA, 2008, p. 1).

Utilizando-se da literatura, os negros passaram a usar as mesmas “armas” em defesa da sua identidade e dignidade. Procuram reverter a desvalorização e os estereótipos que lhes foram concedidos pela identidade dominante. Buscou-se a resistência de modo inteligente, se apropriando dos mesmos mecanismos e criando uma forma de “identidade de resistência”.

Após o início do século XX, artistas e intelectuais se juntaram em busca do que é “ser Brasil” e saber qual a verdadeira identidade do Brasil (LARANJEIRA, 1995), iniciando a Negritude no Brasil, uma forma de identidade de resistência contra a classe dominante branca e as condições do negro na sociedade, que todos sabem, são, ainda hoje, precárias.

A Negritude se manifestou em vários lugares do mundo onde se podia notar a presença do negro. Começando em Paris, com um grupo de estudantes e intelectuais oriundos da África como Aimé Césaire, Leon Damas e Leopold Sedar Senghor, destaques desse movimento.

Segundo Santos, (2005), negritude é civilização do negro, o conjunto dos seus valores, das suas concepções de vida, da sua maneira de ser e agir. São as suas instituições sociais, políticas e econômicas, as suas ciências e técnicas, os seus costumes e tradições, os seus dialetos, a sua história. Enfim, todos os elementos que integram a cultura. E, que constituem a identidade cultural dos afrodescendentes.

A negritude, seja como movimento pontual de tomada de consciência de ser negro, iniciada por volta dos anos 30, seja como marca da reversão. A proposta geral de tornar positivo o que até então fora considerado negativo nucleia a negritude [...] para marcar a ruptura com um estado de alienação e anunciar o processo de conscientização de que existem laços comuns criados pela herança de um passado escravo. (BERND, 1988, p. 85 – 88).

Nos anos 1970 essa reversão e o processo de conscientização da Negritude se intensificaram, pois segundo Munanga, (2005) (apud OLIVEIRA, 2008), há nessa época uma retomada da luta antirracista pelas instituições dos Movimentos Negros. Emergem novas perspectivas como a valorização e afirmação dos valores africanos.

Através da literatura buscam-se o reconhecimento e (re) valorização da cultura africana e da identidade cultural negra. Os negros veem através da obra

literária o caminho para desenvolver sua identidade de resistência, desconstruir os estereótipos e acabar com o racismo.

Atualmente, pode-se encontrar também os salões de beleza étnicos, as músicas e filmes como forma de identidade de resistência. Percebe-se ainda a presença do negro ocupando cargos políticos, papéis importantes tanto na sociedade quanto na mídia.

Esse desejo começa a repercutir também na literatura infanto-juvenil. A partir do final dos anos 80, começam a surgir obras comprometidas com a identidade negra, valorizando a cultura africana e afrodescendente.

A literatura começa a abrir caminhos para construir uma literatura para todos e valorizar a diversidade cultural brasileira e, principalmente a identidade cultural negra, embora esteja caminhando devagar, pois ainda é difícil encontrar nas prateleiras das escolas, obras, com essas características. E que expressam uma identidade de resistência. Mas segundo Oliveira (2008),

Se nos reportarmos às acepções da *Negritude* enquanto movimento de busca de afirmação da identidade negra, na diáspora africana e ao desdobramento no Brasil, através de estudiosos e escritores negros, a literatura infanto-juvenil, pelo que consta (da sua pesquisa, o grifo é meu), não seguiu essa trajetória, como um movimento de produção artística. O que houve (e há ainda nos dias de hoje) são produções individuais, e poucos escritores voltados, preferencialmente, para a tessitura de protagonistas negros. (OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Contudo, a literatura infanto-juvenil começa a voltar o olhar para o universo negro, mesmo que seja de forma “isolada”, pois não é fácil conscientizar as pessoas e acabar com o racismo já que está enraizado no imaginário e consciência das pessoas, mesmo as intelectuais.

3.2. Panorama da imagem da criança negra na literatura infanto-juvenil

A presença do negro na literatura brasileira, durante muito tempo, foi marcada por estereótipos, caricaturas e marginalização dos personagens dessa etnia. Ao longo do processo literário brasileiro, identifica-se na literatura, estereótipos reduplicadores da visão preconceituosa, seja de forma explícita ou velada. (PROENÇA FILHO, 2004).

A ridicularização das características físicas, sociais e intelectuais dos escravos negros, serviam para demonstrar uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, justificando assim, a escravidão. (LARANJEIRA, 2000). A literatura então, constitui o grande “palco” para a disseminação do racismo e preconceito racial contra os negros.

Não diferentemente, a literatura infanto-juvenil também se transforma no cenário de representação negativa da imagem do negro e seus descendentes, principalmente a criança, público alvo dessa literatura. A criança negra, nesses livros, é ilustrada e descrita através de tipos inferiores e excluída do processo de comunicação, pois o autor prefere dirigir-se às crianças brancas, geralmente de classe média. (LOPES, 2001). Assim a literatura infanto-juvenil, se direciona ao etnocentrismo europeu, reproduzindo o padrão tradicional da sociedade dominante.

Quando se reproduz uma imagem negativa do negro, e enfatiza positivamente a imagem do branco nos livros, ou quando se desprestigia a cultura africana e reconhece a cultura europeia como sendo a “perfeita” ou superior, contribui-se

significativamente para a expansão do “racismo institucional” e “cultural” e também da “ideologia do branqueamento”, alimentado pelas teorias e estereótipos de inferioridade e superioridade de raças, ou seja, as falsas teorias científicas.

Segundo Silva, (2001), a teoria do branqueamento se efetiva quando o negro, assumindo uma imagem negativa de si mesmo e uma positiva do branco, tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do branco e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.

Desde cedo, ouve-se e aprende-se estórias de contos de fadas, princesas e heróis, cujas características são de origem europeia. As crianças crescem acreditando e sonhando em ser uma das princesas ou super-heróis brancos; nunca negros. Idealizam um “mundo” de fantasias e personagens brancos como referência principal para a construção da sua identidade.

Por outro lado, quase não se fala em heróis, fadas, personagens negros. A história que durante muito tempo se propagou sobre os negros, e que se conhece até hoje, é de anti-heróis, maléficos, marginalizados, inferiores, covardes, vagabundos, enfim, de caráter “deformado”.

A descrição do negro como lascivo, libidinoso, violento, bebedor, imoral, ganha as páginas dos jornais compondo a imagem de alguém em que não se pode confiar [...] Acusam os negros por praticarem bruxarias, por não possuírem espírito familiar sendo as mulheres sensuais e infiéis e os maridos violentos retratados da falta de estrutura moral, psíquica e social do negro. (SANTOS, 2005, p. 131).

Essa imagem negativa propagada à cerca do negro e impregnada na sociedade, faz a diferença no que concerne à criança negra se identificar como tal e se sentir inferior à branca. Assim como os jornais, a literatura, na maioria das vezes, reproduz também uma imagem negativa da criança negra, a qual é apresentada de

forma estereotipada, desfigurada e caricaturada, e muitas vezes, vivendo em condições de pobreza e marginalizadas.

Em seu estudo sobre as Relações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira, Oliveira, (1989), analisa a imagem do negro em doze produções literárias publicadas entre 1979 e 1989, são elas: *Nó na garganta* de Mirna Prinsky, *Xixi na cama* de Drumond Amorim, *A história do galo marquês* de Ganymédes José, *Dito, o negrinho da flauta* de Pedro Bloch, *Tonico e Carniça* de José Resende Filho e Assis Brasil, *Saudade da Vila* de Luiz Galdino, *O menino marrom* de Ziraldo, *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, *Um sinal de esperança* de Giselda Laporta Nicóelis, *Neco, o sonhador* de Maria Amanda Capelão, *João que semeava flor e cantava o amor* de Márcia Viela Moura de Oliveira e *A cor da ternura* de Gení Guimarães.

Ao analisar a imagem do negro nessas obras, Oliveira chega à conclusão de que “predominou a veiculação de visões estereotipadas e depreciativas do negro”.

Entre as doze estórias, em dez narram-se a trajetória de personagens negros que se defrontam com pobreza e/ou preconceito racial. Em consequência do preconceito, eles sofrem rejeição, desqualificação e hostilidade nos espaços sociais em que vivem. Outros, mesmo não sofrendo tal preconceito no cotidiano, acabam sendo vítimas de algum problema dessa ordem, o que os impulsiona a uma nova maneira de se ver e de aprender o universo circundante. (OLIVEIRA, 2001, p. 7).

Mas adiante, ao caracterizar os personagens nessas obras, ela conclui que:

1) Os protagonistas são em grande maioria pobres; 2) os protagonistas brancos, mesmo pobres, são colocados em condições superiores aos negros; 3) as mulheres, as mães dos protagonistas, desempenham atividades profissionais de domésticas. Isso, nos seus lares ou nos alheios; 4) as mulheres brancas, sejam elas as antagonistas, secundárias ou figurantes, são caracterizadas em funções ou ações intelectuais e/ou profissionais superiores às negras; 5) alguns personagens negros são imersos em um universo de doença, subsistência, fome, morte, perseguição, solidão, rejeição, inferiorização mas também, de coragem, luta, integridade,

criatividade, esperança, perseverança e resistência; 6) os personagens brancos simbolizam a superiorização, proteção, perseguição, bondade, maldade, instrução, poder, embora haja aqueles que exercem a função de perseguidores, opressores e exploradores. (OLIVEIRA, 2003, p.12).

Hoje, já pode-se encontrar outras obras de literatura infanto-juvenil que mostram outra realidade dos personagens negros, como por exemplo, *Bruna e a galinha d'Angola* de Gercilga de Almeida, cuja personagem principal é Bruna uma menina negra, que embora seja solitária, ela encontra a felicidade nas estórias contadas por sua vó e nas amizades que faz com outras crianças.

Essa narrativa é importante para se trabalhar a identidade negra, uma vez que, a personagem tem um nome, uma família, um lugar para morar; mostra aspecto da cultura afro através das histórias contadas pela avó de Bruna como por exemplo a criação do mundo. As ilustrações de Valéria Saraiva, valoriza os aspectos físicos da personagem sem caricaturá-la.

4.A Identidade cultural em Bruna e Galinha D'Angola

4.1. Aspectos gerais de Bruna e a Galinha D'Angola

A obra literária Bruna e a Galinha D'Angola de Gercilga de Almeida é o primeiro livro infantil a retratar o universo mítico africano representado pela galinha d'Angola e sua relação com a criação do mundo de uma forma didática, lúdica e prazerosa e faz uma homenagem às raízes negras do Brasil.

Este livro narra a história de uma menina afrodescendente, Bruna, que se sentia muito sozinha e gostava de ouvir as histórias tradicionais que sua avó contava sobre o seu povo africano. Um dia, após ouvir a lenda de Òsún que era uma menina que se sentia muito só e para lhe fazer companhia, criou a Conquém, a galinha d'Angola o que ela chamava de "o seu povo". Assim, após um sonho que teve com a Conquém, Bruna resolveu criar a sua galinha de argila para fazer-lhe companhia.

No dia do seu aniversário, Bruna ganhou de presente da avó uma Conquém de verdade. As outras crianças da aldeia passaram então a brincar com a galinha e Bruna passou a ter muitas amigas. A avó de Bruna além de contar histórias, ensinava as meninas a pintarem tecidos iguais aos que fazia na África, então a aldeia ficou conhecida. Um dia a Conquém teve filhotes e cada menina pode ter sua galinha d'Angola também.

Até hoje, o povo daquela aldeia conta a história de Bruna e da galinha d'Angola para aqueles que compram os belos tecidos pintados pelas meninas.

O livro apresenta uma linguagem simples de fácil compreensão para as crianças. Apresenta algumas palavras do léxico africano como: *Angola*, que indica, no texto, a origem da galinha – galinha d'Angola; Angola é um país da África; *panô*, *significa tecido*, é semelhante a pano aqui no Brasil; representa a aldeia africana, origem da avó de Bruna; *Òsún* é personagem de uma lenda africana contada pela avó da menina; *Conquém*, é uma das palavras utilizadas na África para designar a galinha d'Angola, também conhecida como “tô fraco, sacué, guiné, e etu – animal sagrado para os yorubás, etnia africana. Esse animal é personagem central de várias lendas africanas.

As ilustrações do livro feitas por Valéria Saraiva, representam os panôs pintados pela avó de Bruna, elementos da tradição africana da aldeia de dona Nanã. Representam a Conquém, o pombo e o lagarto, animais sagrados na África pois participam da criação do mundo. Como também mostram a protagonista com outros elementos de destaque na obra. Importante destacar as ilustrações que representam a menina Bruna pois não caricatura a criança negra.

4.2. Aspectos da identidade em Bruna e Galinha D'Angola

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica, visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e interiorizaram a feiura do seu corpo forjada em seu favor. (MUNANGA, apud GOMES, 2006, p. 15).

Embora as relações “raciais”, tanto no Brasil, quanto em outros países, sejam marcadas por práticas racistas, em *Bruna e a galinha d’Angola*, se percebe a valorização da beleza negra, que além do enredo transmitir uma imagem positiva do negro, as ilustrações também desenvolvem um papel fundamental na construção da identidade da criança negra, por serem carregadas de significações, informações e detalhes para a compreensão do texto. “As imagens, assim como as histórias nos informam”. (MANGUEL, 2005, p. 21). As ilustrações muitas vezes, completam o sentido do que não ficou muito claro nas palavras, principalmente para as crianças que quanto menor sejam, mais necessitam de recursos visuais para a compreensão do mundo letrado, principalmente.

[...] PRECONCEITOS NÃO SE PASSAM APENAS ATRAVÉS DE PALAVRAS, MAS TAMBÉM – E MUITO!!! – ATRAVÉS DE IMAGENS [...]. Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não endossar os disparatos impostos, não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão. (ABRAMOVICH, 1990, apud OLIVEIRA, 2003, p. 5).

As imagens de *Bruna e a galinha d’Angola* além do enredo, retratam de forma positiva os personagens negros e sua cultura e faz o leitor entender que não existe complexo de inferioridade nem em relação ao corpo nem com a sua identidade cultural. As ilustrações do livro além de retratar uma menina

feliz, bonita e sem caricaturas, valoriza a estética negra sem desfigurar os personagens.



Como se percebe as imagens acima como as outras que aparecem na narrativa, retratam com nitidez e beleza o perfil das personagens; valorizam seus traços físicos sem estereotipá-las e caricaturá-las. Essa narrativa transmite uma imagem humanizada e positiva dos negros e da sua cultura, fazendo com que qualquer criança negra possa se identificar com ela, sem medo ou receio de apelidos pejorativos e depreciativos.

Bruna embora se sinta, no começo da narrativa, uma criança solitária, e não mencione os pais dela, subentende-se que ela viva num lar feliz, harmonioso; tem uma família: uma avó e um tio que tem uma profissão, é oleiro e a ensina a fazer galinha de barro e consequentemente, ela ensina as suas amiguinhas.

As raízes e tradições da cultura africana estão presentes nessa obra de forma significativa e marcante, como uma representação da identidade cultural afrodescendente e africana. Como se pode observar no seguinte trecho da narrativa,

Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha. Quando estava muito triste ia para casa de sua avó Nanã, que chegara

de um país muito distante, e pedia-lhe para contar-lhe histórias de sua terra natal.

Uma que ela gostava muito era a do pano da galinha que sua avó trouxera da África. Ela sempre começava assim:

“Conta a lenda de minha aldeia africana que Òsún era uma menina que se sentia só. Para lhe fazer companhia resolveu criar o que ela chamava de ‘o seu povo”.

Foi assim que surgiu Conquém, ou melhor, a galinha d’Angola deste pano.” (p. 4).

Percebe-se que os elementos culturais que constituem a identidade do povo africano são muito significativos. Há uma valorização da tradição oral de se contar histórias, características marcante dessa cultura. Também percebe-se o valor que é dado a essa tradição no fato de se transmitir desde cedo os conhecimentos, que serão passados de geração a geração.

Além da tradição de contar histórias, há também a valorização do artesanato africano como a pintura e o trabalho com argila, como podemos observar nas seguintes passagens:

Bruna ficou tão contente com o sonho que pediu a seu tio, que era um bom oleiro, que a ensinasse a trabalhar com barro. (p.8).

Foi assim que Bruna arranhou muitas amigas. Não só brincavam com ela e a Conquém, como juntas, aprendiam a fazer vasilhas de barro e muitas galinhas iguaizinhas à Conquém. (p. 12).

Bruna e suas amigas, depois da descoberta do baú, ficaram muito conhecidas, porque todos se juntavam na casa da avó de Bruna para verem e ouvirem a história do pano que as meninas encontraram.

Sua avó, muito contente, resolveu ensinar as meninas a pintarem tecidos, como os que ela fazia na África. (p. 18).

A religiosidade é outro fator marcante nesta obra que é representada pelos animais sagrados da cultura africana e a própria história da galinha d’Angola que segundo o mito africano da criação do mundo, ela junto com o pombo e o lagarto, criaram o universo.

_Bruna, minha querida, conta a lenda da minha aldeia africana que estes foram os animais que vieram ajudar a Conquém na criação do mundo e de meu povo. Conquém espalhou a terra quando desceu do céu para a Terra, o lagarto desceu para ver

se a terra estava firme e o pombo foi avisar aos outros animais que já podiam descer para habitar naquele lugar. Esta é a história da criação do mundo que minha avó já me contava enquanto eu pintava panos como este. (p. 16).

Percebe-se com esse fragmento, a diversidade cultural que há entre os povos, cada uma com o seu jeito próprio de ver o mundo e as coisas dentro de uma perspectiva cultural, seja branco, negro ou indígena, e ao mesmo tempo, esses diversos olhares se cruzam e chegam a um ponto em comum, como é o caso do mito da criação do mundo. Embora cada história seja divergente, em algum aspecto elas se convergem. Como escreve Antônio Olinto, na contracapa do livro:

Árvores, flores, frutas, bichos – todos têm sido símbolos desde que o mundo é mundo. Seja a macieira com sua maçã inicial, seja a galinha d'angola espalhando terra para dar firmeza ao chão – todos têm representado a reverência de tempos, antigos e modernos, aos primeiros passos da raça humana.

Assim, a obra acima citada, é um marco inicial para que a escola comece a trabalhar a diversidade cultural do Brasil e africana, com seus símbolos, cores, festas e histórias sem privilegiar apenas a cultura eurocêntrica.

5. CONCLUSÃO

A identidade e autoestima que uma pessoa apresenta é consequência da forma como os outros a vê e como ela vê a si mesma. A relação que a criança e o jovem tem com o meio em que vivem, a forma como as pessoas o vê e como eles imaginam que são vistos, contribui para a construção de sua personalidade e identidade individual ou coletiva.

A imagem que as pessoas tem de uma criança negra, reflete significativamente na sua identidade e autoestima. Pois como foi analisado, a identidade é um processo sempre em construção e não é algo fixo, que nascemos com ela. É algo construído a partir das nossas relações com os outros. É uma construção social, histórica, cultural e envolve sempre relações de poder que podem afetar de forma positiva ou negativa a sua autoimagem.

Sempre se propagou uma imagem dos negros na literatura e na mídia, como seres estereotipados e caricaturados. Associava-o a um ser passivo, bobo, quando não “burro”, incapaz de lutar pela sua “raça”, sua cor e seu bem estar. Passava-se a imagem do negro conformado com sua condição “miserável”, de vida, de trabalho e de ser humano; “sem cultura” e emprego digno.

Mas em *Bruna e a galinha d'Angola*, podemos ver que o povo africano tem história, cultura, religião e dignidade e família, embora não mencione os pais da menina na narrativa, mas cita a avó e o tio como referências positivas, sem estereotipá-los.

Essa narrativa, é uma obra muito importante para se trabalhar a identidade cultural negra, já que nela, se valoriza a imagem da criança negra e as tradições africanas. As ilustrações também favorecem na construção da identidade da criança,

uma vez que retratam a criança de forma humanizada bem delineada, podendo qualquer criança se identificar sem receios com a personagem.

Assim, essa narrativa, pode ser utilizada pelo professor sem receios de estar reproduzindo os estereótipos e preconceitos com o povo e cultura africana, já que é uma obra afirmativa da Negritude e um referencial para a construção da identidade. Também pode ser um ponto de partida para os professores que desejam trabalhar a cultura afro e não sabem por onde começar nem o que fazer.

6.REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gercilga de. **Bruna e a galinha d'Angola**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BERND, Zilá. **O que é negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).
- _____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **A questão da negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDEN, N. **O que é autoestima?** In: o poder da autoestima. São Paulo: Saraiva, 1995.
- CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. Volume II. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial das crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção Cultura negra e identidades, Série PPCor).
- FERNANDEZ, A. **Agressividade, qual o teu papel na aprendizagem? Paixão de Aprender**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- _____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção cultura negra e identidades).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARANJEIRA, Pires. **Negritude africana de língua portuguesa**. Textos de apoio (1947-1963). Coimbra: Ângelus Novus, 2000.
- LOPES, A. O. **Relação de interdependência entre ensino e aprendizagem. Didática: o ensino e suas relações**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2005.
- MIRANDA, Simão de. **Um voo possível: o sucesso escolar nas asas da autoestima**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____ e RIBEIRO, Nye. **Quem sou eu? Identidade e autoestima da criança e do adolescente.** Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental.** Temas IMESC, São Paulo: Soc. Dir. Saúde, 1984.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa: educação e identidade afrodescendente.** In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Relações étnico - raciais na literatura infanto-juvenil brasileira.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** In: **Negro brasileiro negro.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 25, 1997.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

ROSSATO, César; Gesser, Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** 3 ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro – um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos.** In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?** São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático.** In: Munanga, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** 3 ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da et al. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, et al. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.